

DIÁRIO DA QUEDA: O TRAUMA DE GUERRA E A SUA INFLUÊNCIA SOBRE GERAÇÕES

JEHNIFER PENNING¹; HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – j-penning@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – hjcristeiri@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo pretende estudar o trauma presente na narrativa Diário da Queda, publicada em 2011 e escrita por Michel Laub. A obra, que tem como pano de fundo um avô ex-prisioneiro dos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, traz questões que envolvem gerações em um trauma que acaba por colocar a identidade da família em questão. O trauma, quando reprimido, não desaparece, mas, sim, volta transformado, disfarçado ou desfigurado. Podemos dizer isso com base em Dominick LaCapra, o qual defende essa teoria em *Historia y memoria después de Auschwitz* (2009). Dessa forma, analisaremos como a família lida com o evento traumático e como esse acontecimento influenciou a vida de cada um dos envolvidos, atentando para o fato de ser ou não um muro intransponível o que o trauma constrói.

Como teoria, basicamente, embasamo-nos em Dominick Lacapra (2009), acima mencionado, o qual defende que é preciso repensar o modo como enxergamos a *Shoah*, evidenciando que não podemos entender tal acontecimento como dado por encerrado. Para falar de trauma, não poderíamos deixar de buscar respaldo no pai da psicanálise, sendo assim, estudaremos *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar* (1893). Sigmund Freud defende que a histeria, muitas vezes, pode originar-se em um trauma não resolvido, o qual, por ainda se fazer presente na vida de quem o sofreu, continua a exercer poder sobre tal indivíduo, causando-lhe algum tipo de reação, ainda que inconscientemente. Ademais, estudaremos *Sol Negro: Depressão e Melancolia* (1989), de Julia Kristeva, o qual explica-nos conceitos sobre as enfermidades que envolvem o trauma. Porém, esse é um ponto um pouco mais futuro em nossa pesquisa.

Em síntese, é dessa maneira que conduziremos nosso trabalho: pensando em como o evento traumático por qual passou o avô pode influenciar a vida das futuras gerações, tentando descobrir, através do comportamento das personagens, como e onde o trauma se funda, bem como, estudaremos quais são os indícios que demonstram sua presença e como é possível transpor essa barreira.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a pesquisa foi a da Literatura Comparada. Analisamos o objeto de estudo e o comparamos com as teorias escolhidas. A partir dos encontros entre os pesquisadores envolvidos, nesse caso mestranda e orientador, foi possível chegar às conclusões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objeto de estudo de nosso trabalho é o romance *Diário da Queda* (2011), de Michel Laub, em que um narrador, neto de ex-prisioneiro de campo de concentração enfrenta problemas para lidar com o passado de sua família, posto que envolve questões complicadas envolvendo o Nazismo e a religião. Pretendemos refletir sobre o trauma que fica evidenciado na obra.

É sabido que para superar o evento traumático existe a necessidade de descarregar aquela energia, afeto preso na lembrança do ocorrido. Salientamos que, em um contexto psicanalítico, afeto é todo sentimento ou acontecimento que desperta alguma reação, seja essa positiva ou negativa. Prosseguindo, com base em Freud (1893), podemos dizer que uma maneira de livrar-se do trauma, uma simples conversa, um desabafo já poderia amenizar as consequências. Entretanto, sabemos que na narrativa o avô da narrativa optou por emudecer todo o seu passado, não tocando no assunto que modificara para sempre sua vida.

É complexo falar de memória e relacioná-la a um evento traumático, acima de tudo, se tal acontecimento refere-se a Auschwitz. Entretanto, Lacapra (2009) vai encontro das palavras de Freud (1893) e diz que se nega ou se reprime no *lapsus* da memória não desaparece, mas volta, às vezes, disfarçado, desfigurado ou transformado. (LACAPRA, 2009) Sem refletir sobre a memória não é possível superar o trauma, e é isso que acontece com a personagem do avô em *Diário da Queda*. Diz o narrador: “meu avô não gostava de falar do passado. O que não é de estranhar, ao menos em relação ao que interessa: o fato de ele ser judeu, de ter chegado ao Brasil num daqueles navios apinhados”. (LAUB; 2011, p. 8)

Para o avô, Auschwitz era a realidade e, embora a guerra tivesse acabado e ele estivesse a muitos mil quilômetros de distância do lugar em que aconteceram as experiências traumáticas, a vida para ele se resumia àquilo; não havia antes de Auschwitz e depois de Auschwitz, sua vida era Auschwitz. Desse modo, para o avô, o trauma transformou-se em um muro intransponível e evidenciou a incapacidade de ultrapassar a barreira que impôs o acontecimento traumático. “E resta apenas um tipo de lembrança que vem e volta e pode ser uma prisão ainda pior que aquela onde você esteve”. (p. 8)

Com a ruptura produzida pelo trauma, a personagem do avô não pode rememorar o que aconteceu, e, por conseguinte, não desprende-se do trauma e, tudo em que pensava, levava-o, ainda que inconscientemente, para a dura realidade de Auschwitz, e, assim, inevitavelmente, transferiu para seus descendentes esse mesmo peso. Nas palavras de Seligamnn-Silva (2000), “a literalidade árida da experiência do *Lager*¹ é, eu repito, resultado da experiência da morte”. (p. 94)

Até então, é o que viemos pesquisando e, agora, estamos aprofundando-nos nas vivências do filho e do neto do ex-prisioneiro do campo de concentração. O que pudemos perceber é que o trauma passou, de modo diferente, a esses outros familiares. No dia da apresentação deste trabalho, estaremos com nossas ponderações ampliadas e assim poderemos trazer novas considerações para discussões a respeito do tema disposto a ser estudado.

4. CONCLUSÕES

Nesse momento, nossa pesquisa ainda está em fase de construção. Começamos a pesquisar os primeiros teóricos a respeito e a cotejá-los com a

¹ *Lager*, em alemão, significa campo de concentração.

obra literária. Em síntese, respondendo a questão que suscitamos no início do estudo, dizemos que em muitos momentos o trauma sim, torna-se um muro intransponível. Na narrativa, o avô não conseguiu superá-lo. Entretanto, podemos dizer que seu filho o conseguiu, quando decidiu por escrever suas memórias e optou por contar tudo como havia realmente sido em sua vida, a fim de fazer uma espécie de *balanço* de tudo que havia passado, contando sobre tudo que habitava o seu interior. É nesse sentido, de acordo com a psicanálise de Freud, que conseguimos superar o trauma: a partir da ab-reação. Ab é um sufixo que indica *fora*, ou seja, reagir *para* fora, libertando-se do que o reprime.

Aproveitamos para salientar que existe a tarefa de cultivar a memória da Segunda Guerra, sobretudo, para poder superar esse trauma, que enquanto humanidade, diz respeito a todo ocidente. Devemos reconhecer a *Shoah*² como uma série traumática, diz LaCapra (2009). Conforme Seligmann-Silva (2000) não há mais nada cruel, na história, do que o massacre que se deu nos campos de concentração.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. (1893a) Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos: comunicação preliminar (Breuer e Freud). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. II, Rio de Janeiro: Imago, 1987.

KRISTEVA, Julia. **Sol Negro: Depressão e Melancolia**. Rio de Janeiro, Rocco: 1989.

LACAPRA, Dominick. **Historia y memoria después de Auschwitz**. – 1ª ed. – Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

LAUB, Michel. **Diário da Queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MENDONÇA, Marinella M. de. **As incidências da repetição no corpo, pela via da dor**. 2006. n/i. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. *In: Catástrofe e representação: ensaios*. – p. 73-98 – Arthur Nastrovski, Márcio Seligmann-Silva (orgs.) – São Paulo: Escuta, 2000.

² *Shoah* é uma palavra bíblica que significa calamidade e tornou-se o termo hebraico padrão, já em 1940, para referências ao Holocausto.